

Do inferno comportamental ao hedonismo educado: Contribuições de um itinerário de esclarecimento conceitual

From behavioral hell to educated hedonism: Contributions of an itinerary of conceptual clarification

Diego Mansano Fernandes¹

[1] Universidade Nove de Julho/Social Contextual Analysis of Human Behavior Research Group – UniSA | **Título abreviado:** Do inferno comportamental ao hedonismo educado | **Endereço para correspondência:** Rua Vergueiro, 235/249 - Liberdade, São Paulo - SP, 01525-000 | **Email:** mansanofernandes@gmail.com | **doi:** org/10.18761.JADA0330011

Resumo: Este ensaio tem como objetivos lançar luz às contribuições à trama conceitual da teoria consequencialista do comportamento de B. F. Skinner apresentadas no livro *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética*, do professor José Antônio Damásio Abib. Nesse itinerário, acompanhamos Abib em seu esclarecimento conceitual sobre o conceito de comportamento e sua relação com o mundo, o movimento e a sensibilidade. Em seguida, em sua proposta de uma teoria hedonista do reforço, condição para a reconfiguração do modelo de seleção por consequências e para o esboço de um projeto ético de educação da sensibilidade que valorize o prazer e o potencial de construir práticas culturais para o desenvolvimento humano e para a justiça. Por fim, a partir do conceito de Abib de inferno comportamental, estabeleço relações entre a realidade contemporânea e a necessidade de promover utopias criativas que nos ajudem a superar os limites de um presente que, baseado na exploração dos despossuídos pelo prazer das classes proprietárias, resiste.

Palavras-chave: Abib, educação para a sensibilidade, teoria hedonista do reforço, ética, pesquisa conceitual.

Abstract: This essay aims to shed light on the contributions to the conceptual framework of Skinner's consequentialist theory of behavior presented in the book *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética*, by professor José Antonio Damásio Abib. In this itinerary, we follow Abib in his conceptual clarification on the concept of behavior and its relationship with the world, movement and sensitivity. Then, in his proposal of a hedonistic theory of reinforcement, a condition for the reconfiguration of the model of selection by consequences and for the outline of an ethical project of education of sensitivity that values pleasure and the potential to build cultural practices towards human development and justice. Finally, based on the Abib's concept of behavioral hell, I establish relations between contemporary reality and the need to promote creative utopias that help us to overcome the limits of a present that, based on the exploitation of the dispossessed for the pleasure of the propertied classes, persist through time.

Keywords: Abib, education of sensibility, hedonistic theory of reinforcement, ethics, conceptual research.

Os trabalhos do professor Abib não raro começam fazendo referência à necessidade de “esclarecimento de um conceito”. Em seu relevante artigo sobre o conceito de saúde mental, Abib (1997) argumenta que a compreensão desse conceito, base do trabalho em Psiquiatria e de certa parte da Psicologia, pede que compreendamos e “esvaziemos” as tramas conceituais e metáforas que o dão sustentação, pois são inconsistentes e instrumentalizam uma reacionária prática de profissionais da saúde. Em seu célebre artigo sobre o comportamentalismo, no qual afirma suas características definidoras e o difere das demais versões dessa filosofia da Psicologia, argumenta que “um conceito só está definido quando explicado” (Abib, 2004, p. 52). No livro que é tema deste ensaio, *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética*, Abib afirma em sua introdução que investiga o conceito de comportamento e adiciona: “quando investigamos um conceito, o intuito é o de esclarecê-lo, o que só pode ser feito com uma teoria” (Abib, 2007, p. 13¹) pois os conceitos são “teoria-dependentes”.

Compreendo o trabalho do professor Abib como um contínuo e valoroso esforço de esclarecer conceitos e, nesse processo, oferecer possibilidades que permitam à teoria que os sustenta resolver suas dificuldades e ampliar seu escopo de compreensão e atuação. Mergulhar nas páginas do livro *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética* é se deparar com um formidável exemplar desse esforço. Do começo ao final o autor toma uma série de conceitos basilares do comportamentalismo radical como alvo de análise conceitual, buscando esclarecer suas relações com a teoria, realçar seus alcances e limites e tecer novas tramas conceituais que os superem. O ponto de partida, nesse caso, é o conceito de comportamento. Abib indica que o livro em questão tem três propósitos, o primeiro deles é “elaborar um conceito de comportamento fundamentando-o em uma investigação integrada do comportamento com a natureza, a cultura, o in-

divíduo e a sensibilidade”. O segundo é “mostrar em que sentido esse conceito de comportamento pode ser importante para a educação da sensibilidade” e, por fim, o terceiro “consiste em delinear as perspectivas filosóficas nas quais se inscreve o conceito de comportamento que foi elaborado aqui” (Abib, 2007, p. 12).

Em outras oportunidades me dediquei a aspectos educacionais e políticos do livro *Comportamento e sensibilidade* (Fernandes, 2021). Por ocasião desta seção especial da *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento* em homenagem ao professor Abib, meus objetivos são retomar e debater algumas de suas propostas para “transformar a teoria consequencialista de Skinner” (Abib, 2007, p. 12). Portanto, destaco dois pontos da argumentação do autor na referida obra e me detenho sobre cada um deles. São eles: (1) a definição relacional de comportamento como coordenação sensório-motora e a consequente revisão da teoria do reforço; (2) a crítica e a complementação ao modelo explicativo selecionista de Skinner (a seleção é sempre e somente do comportamento). Por fim, por meio do mais recente conceito de “inferno comportamental” (Abib, 2020), examino e exemplifico implicações do esclarecimento operado por Abib na trama conceitual comportamentalista diante de algumas práticas culturais contemporâneas.

Comportamento, movimento, sensibilidade e mundo

Este é talvez o ponto mais sensível na análise conceitual empreendida por Abib. Sem mais suspense, é ao estabelecer uma definição básica de comportamento como “relação” e avaliar a relação deste conceito – comportamento – com outros dois, sensibilidade e movimento, que o autor é forçado a concluir que há um problema na teoria do reforço de Skinner e, conseqüentemente, em sua teoria consequencialista do comportamento. O núcleo duro dessa teoria do comportamento permanece intacto, como afirmo logo na apresentação do livro. Mas, ao identificar uma estranha primazia que Skinner dá ao movimento – conceito a ser discutido posteriormente – em sua versão histórica sobre a origem e a evolução do comportamento, em primeiro lugar; em

1 Daqui em diante, todas as citações diretas fazem referência ao livro *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética*, e serão referenciados primordialmente por sua página, em contraste com referências a outros textos de Abib ou demais autores, esses serão explicitados. Isso se dá por uma tentativa de reduzir as repetições de referência ao longo do texto e de deixá-lo mais fluido.

sua hipótese sobre uma sensibilidade evoluída que seria diferente de uma sensibilidade primeva nos organismos menos complexos, em segundo lugar; e em sua preferência ao movimento (fortalecimento e enfraquecimento) em detrimento da sensibilidade (prazer e dor) na descrição da teoria do reforço, em terceiro lugar, Abib avalia que é necessário fazer mudanças em elementos importantes da teoria consequencialista do comportamento para que esta não viole o princípio organicista² da definição de comportamento como uma totalidade orgânica – mundo, movimento, sensibilidade, relação.

Primazia do movimento sobre a sensibilidade

Abib começa o esclarecimento conceitual discutindo a relação do comportamento com o mundo, estabelecendo, com Skinner, que há uma diferença básica entre dois tipos de “corpos”, os que não trabalham e os que trabalham, ou seja, os que não respondem ao ambiente e os que respondem, sendo os segundos chamados de organismos. Os organismos são definidos como “comportamentos e estrutura bioquímica em co-evolução com o mundo, submetidos, o corpo, o comportamento e o mundo, a um regime de transformações interdependentes e incessantes” (p. 19). O trabalho é o intercâmbio, a relação com o mundo, travada pelos organismos: “A co-evolução do organismo e do mundo é realizada pela relação do comportamento com o mundo, e à medida que o organismo e o mundo se tornam mais complexos, o comportamento também se torna mais complexo” (p. 18-19). Portanto, a relação do comportamento com o mundo é principalmente sua relação com as consequências.

Essa definição de comportamento e o esclarecimento de sua relação com o mundo levam o autor a avaliar a relação do comportamento com a sensibilidade. Trata-se de discutir os termos da sensibilidade do comportamento às suas consequências. Aqui temos um ponto importante, pois Abib identifica em Skinner uma posição que considera

indefensável e incoerente com o princípio relacional do comportamento: a primazia do movimento na evolução do comportamento. Nas palavras de Skinner (1984, p. 1), “o primeiro comportamento foi, presumivelmente, movimento simples Depois, presumivelmente, veio a sensação”.

Ao apontar a defesa de Skinner de que primeiro viria o movimento e depois a sensibilidade, Abib entende que Skinner defende a tese de que é possível identificar ao menos duas sensibilidades, uma primordial (lenta) e uma evoluída (imediate) – essa última seria a sensibilidade às consequências. Abib afirma ser essa uma tese insustentável, ao menos à luz da perspectiva relacional do comportamento. Esse é o ponto em que o autor abre um flanco de conversa com outra trama conceitual, a teoria do comportamento de John Dewey, tal como expressa em sua crítica ao conceito de arco-reflexo. Nas palavras de Abib:

Da perspectiva da filosofia organicista do arco-reflexo, o comportamento é um princípio de relação em que uma sensação é produzida por um movimento que é estimulado por uma sensação que é produzida por um movimento, e assim sucessivamente. Não se pode erigir quer a sensação quer o movimento como princípio absoluto de descrição. O princípio é relação: é comportamento. E é no âmbito dessa relação sensório-motora contínua que os significados atribuídos aos comportamentos são explicados. (p. 25)

Acompanhando Dewey, Abib entende que a relação do comportamento com o mundo implica em uma coordenação sensório-motora. “Na continuidade da coordenação sensório-motora, ou no fluxo comportamental, o comportamento produz consequências e é por elas transformado” (p. 25). Sensibilidade e movimento só podem andar juntos e, nesse caso, falamos do comportamento como coordenação sensório-motora. O próximo passo é avaliar a relação do comportamento com o movimento.

Como vimos, Abib divide a história do movimento entre os dos corpos físicos e dos organismos. Os filósofos da biologia Humberto Maturana e Francisco Varela são suas principais referências nesse debate e novamente se abre diálogo com outra trama conceitual. A trajetória do movimento

2 Nesse caso, Abib está se referindo à apresentação do princípio organicista feita por Stephen Pepper em 1942, em seu *Hipóteses sobre o mundo: Um estudo sobre evidência*.

é recontada com vistas a compreendê-lo dos organismos mais simples aos mais complexos, dos microorganismos unicelulares aos pluricelulares, e aprendemos que o movimento já surge dependente da sensibilidade quando organelas permitem que microorganismos como bactérias e protozoários transitem por meios aquosos e se alimentem, aumentando sua chance de reprodução e ampliando o papel da coordenação sensorio-motora no processo evolutivo. Abib sintetiza o ponto da seguinte maneira: “Em suma: os pseudópodes das amebas e os flagelos dos protozoários e bactérias são superfícies motoras que deslocam esses organismos; correlacionadas com as superfícies sensoriais, são as superfícies motoras que possibilitam os movimentos dos organismos” (p. 29).

Nem todo movimento é igual, salienta Abib a partir da literatura mencionada, já que “ninguém hesitaria em ver exemplos de comportamento no movimento de bactérias, amebas e protozoários, mas não no caso da sagitária” (p. 32). A referência à sagitária guarda relação com a controvérsia da literatura em torno do movimento passivo de plantas. O ponto central para a compreensão do movimento parece ter sido o surgimento de órgãos sensoriais de locomoção, mas não é o caso de boa parte das plantas e, ainda, seria preciso também avaliar se esse movimento altera estruturalmente sua posição em relação ao ambiente. Segundo Abib, esse debate pode ajudar a entender a posição de Skinner quanto à primazia do movimento, já que se falou em um tipo de “movimento simples” que não presumia a sensibilidade evoluída. Com Abib, “Não há qualquer problema em afirmar que o comportamento é movimento, como quer Skinner, desde que ele seja analisado na totalidade orgânica que é a coordenação sensorio-motora. É mais correto, porém, afirmar que o comportamento é coordenação sensorio-motora” (p. 32).

Sensibilidades e reforçamento: Da primazia do movimento à teoria hedonista do reforço

Diante desse esclarecimento sobre o conceito de comportamento e sobre o movimento, a questão seguinte diz respeito às relações entre o comportamento e a sensibilidade. Conforme Skinner, a sensibilidade às consequências do comportamento é do tipo evoluída. Por sua vez, Abib alerta que se “a suscetibilidade às consequências reforçadoras é evoluída então ela não se refere à suscetibilidade às consequências naturais. Ela não se refere, portanto, à sensibilidade primeva” (p. 33). Prossegue o autor, no rastro da diferenciação proposta por Skinner: “É necessário, portanto, diferenciar sensibilidade às consequências naturais de sensibilidade às consequências reforçadoras” (p. 33).

Chegamos à polêmica do hedonismo, relacionada ao que Abib identifica como um problema na teoria do reforço de Skinner. As consequências naturais seriam aquelas que permitiriam ao organismo sobreviver, relacionadas intimamente à seleção natural. Por sua vez, as consequências reforçadoras seriam aquelas que permitem o desfrute de si. Tais consequências podem ou não ocorrer sobrepostas – por exemplo, a ingestão de alimento pode ao mesmo tempo contribuir para a sobrevivência e gerar desfrute de si. No entanto, nesse mesmo exemplo podemos ter ingestões de alimentos que não geram desfrute de si ou mesmo que não colaboram para a sobrevivência. Fica mais clara ainda a distinção quando estamos falando de organismos que não possuem um aparato fisiológico que os permita desfrutar de si de forma semelhante à de outros animais, é o caso de alguns insetos e seu envolvimento com o comportamento sexual. Nesses e em outros casos, lidamos com o que Abib chamou de comportamentos filogenéticos controlados por consequências naturais, por um lado, e por outro, comportamentos operantes controlados por consequências reforçadoras. Essas definições serão discutidas mais adiante.

A pertinência de uma explicação biológica chega a ser questionada por Skinner, em contexto de debate teórico no qual o psicólogo estadunidense se opõe a outras versões da teoria do

reforçamento, em especial a de Hull – que Abib chamou de teoria do reforço como alívio fisiológico de tensão: “Reforço refere-se a eventos no ambiente que reduzem tensão: refere-se a eventos que reduzem necessidade, impulso e estímulo-impulso” (p. 35). Para Abib, a “teoria do reforço como redução de tensão é uma explicação fisiológica da sobrevivência dos organismos e das espécies” (p. 36). No caso de Skinner, sua versão da teoria do reforço apresenta relações com a sobrevivência dos organismos e das espécies, mas não fundamentada na fisiologia, o que significa que não pode ser considerada uma versão da teoria fisiológica do reforço. Adiante, trata-se de avaliar o que está para além da fisiologia na versão de Skinner do processo de reforçamento.

Abib nota que Skinner, em discussão centrada em *Ciência e comportamento humano*, *Contingências de reforço: Uma análise teórica* e em *Sobre reflexões posteriores*, ao mesmo tempo em que reconhece o papel importante do prazer, tem dificuldades com sua adoção como parte da explicação do reforço, já que é de difícil medição e observação e seria, na melhor das hipóteses, uma inferência do efeito fortalecedor das consequências. É esse o cerne de sua objeção à forma como Thorndike descreve sua lei do efeito e teoriza sobre o papel do prazer na explicação do aumento da frequência do comportamento – em tela, o célebre experimento do gato dentro da caixa, que aprende gradativamente a sair dela de forma mais rápida ao variar seu comportamento, abrir a porta da caixa e encontrar por lá alimento. O inverso também é verdadeiro, a conexão entre abrir a porta e encontrar o alimento se enfraquece à medida que o gato o faz e não encontra fora da caixa o alimento. Nesse cenário, Abib aponta que a objeção de Skinner é ao fato de que o fortalecimento e o prazer seriam dois fatores a serem considerados para explicar o comportamento, mas é difícil inferir o prazer da mesma forma como se infere a conexão fortalecedora, pois “a evidência comportamental é indicador somente de que a consequência produzida pelo comportamento é um reforço positivo ou negativo. O que quer dizer que a evidência referente a prazer ou desprazer deve ser independente da evidência relativa ao reforço” (Abib, 2007, p. 37).

A lei do efeito de Thorndike pode ser considerada, segundo Abib (2007, 2016), uma teoria hedonista, já que “satisfação é prazer e desconforto é dor” (Abib, 2007, p. 37). Skinner não parece satisfeito com o papel atribuído ao prazer na explicação do fortalecimento do comportamento, ao mesmo tempo em que em outros momentos reconhece sua importância, como mostra Abib: “E o que dizer da terminologia que Skinner utiliza em seus textos para se referir ao reforço, como, por exemplo, ‘desfrutar de si’ ou ‘o gosto peculiar do alimento?’” (p. 40). Mais especificamente, “É conveniente dizer que, embora seja um crítico ácido da teoria hedonista do reforço, Skinner não acha que o hedonismo seja em si incorreto” (p. 40) e, ainda, em alguns momentos “reconhece que o homem trabalha para conquistar afeição e felicidade; reconhece que o homem evita o chicote e busca o alívio do sofrimento” (p. 40). Afinal, a crítica de Skinner é à falta de precisão conceitual desses conceitos conforme aparecem no trabalho de Thorndike.

Ocorre que Abib nos mostra que Skinner também sinaliza que, em sua visão, o que é sentido como satisfação ou prazer é reforçador, “mas que certamente o efeito reforçador evoluiu antes do sentimento de prazer” (p. 41). E então voltamos à necessidade de tomar a coordenação sensório-motora e o princípio relacional como balizas, diante das quais é difícil concordar com essa afirmação de Skinner. Ao buscar precisão conceitual para o prazer, acaba repetindo sua visão da primazia do movimento sobre a sensação, “à custa de sacrificar as relações inextricáveis envolvendo o efeito reforçador e a suscetibilidade ao reforço” (p. 41). Para Abib, essa busca pela precisão conceitual e a tentativa de construir uma explicação alternativa à teoria biológico-fisiológica do reforço levaram Skinner a construir uma teoria do reforço “no fio da navalha”, ou seja, uma teoria entre a biologia e o prazer, entre a sobrevivência e o prazer, ou uma “teoria biológico-hedonista do reforço”. Nesse caso, fica claro que consequências naturais relacionadas à sobrevivência do organismo convivem, nem sempre harmoniosamente, com consequências reforçadoras relacionadas ao prazer, como já vimos anteriormente.

Na leitura de Abib, vai ficando clara também a necessidade de uma teoria alternativa do refor-

çamento. “Prazer e dor se transformam assim nos conceitos seminais para explicar porque o reforço fortalece o comportamento” (p. 42). A questão que fica em aberto, afinal, é que, com Abib, parece haver um problema na maneira como Skinner define consequência natural em sua teoria. Afinal, “do mesmo modo que o reforço, a consequência natural produz vantagens biológicas, com a diferença de que o reforço fortalece o comportamento e a consequência natural seleciona organismos” (Abib, 2007, p. 41), mas isso implica em uma dificuldade de escopo da teoria do comportamento, afinal, uma teoria desse tipo lida com a seleção de comportamentos e é justamente essa a dificuldade que Skinner encontra em sua fundamentação biológica para a teoria do reforço, porque ele aponta, quando se refere a consequências naturais, para a sobrevivência de organismos quando deveria falar em comportamentos. Não haveria diferença de fundo entre consequências naturais e reforçadoras, seriam afinal explicadas por vantagens biológicas, contudo, já sabemos que não é possível igualá-las e, além disso, se quisermos falar em uma teoria do comportamento é preciso especificar a diferença entre a sensibilidade à consequência natural e à consequência reforçadora em termos diferentes da dimensão biológica. Voltaremos a esse ponto mais adiante. Por ora, a resposta que Abib sugere é “não só destituir as referências biológicas do reforço, mas defini-lo de outra maneira. O hedonismo, que se encontra sem adversário, acha seu espaço como alternativa mais viável para explicar porque o reforço fortalece o comportamento” (p. 42).

A sensibilidade evoluída surge então no horizonte como uma maneira de compreender a diferença entre consequências naturais e consequências reforçadoras. Passando a limpo a questão das sensibilidades, já sabemos que a concepção de Skinner quanto à sensibilidade é problemática, justamente porque ele a coloca em segundo plano quanto ao movimento, mas também porque presume que há uma sensibilidade primeva antiga, lenta, e uma sensibilidade evoluída, rápida e imediata. Podemos discordar de Skinner, afirma Abib, e ao mesmo tempo postular a existência de uma sensibilidade que se diferencia porque é produto de um conjunto de condições culturais. A sensibilidade primeva, que para Abib também é antiga e imediata, ligada

às consequências de sobrevivência, será chamada pelo autor de “vital” e a sensibilidade ligada ao prazer e ao alívio de dor, também antiga e imediata, de “mental”³.

Diferente da concepção de Skinner sobre a sensibilidade, o que Abib está chamando de sensibilidade evoluída – mental – é a sensibilidade ao prazer e ao alívio de dor como explicações ao porquê o comportamento é reforçado. Ocorre que prazer e alívio de dor não são condição suficiente para explicar o comportamento, é necessário entendê-los como produto de um conjunto de possibilidades cultivadas e não cultivadas por uma cultura. Para Abib, a herança das sensibilidades vital e mental é que permite que construamos culturas, pois modificamos o ambiente produzindo formas de sobrevivência, formas de desfrute e formas de alívio de dor. Essas capacidades vivem em constante tensão, de modo que construímos algumas práticas (comportamentos) que nos mantêm salvos, mas também outras que nos colocam em risco por algum tipo de prazer. Por vezes essas práticas se sobrepõem. Para mencionar um exemplo, culturas que comunicam a importância da alimentação saudável, por um lado, mas que organizam todo tipo de incentivo financeiro e político para a produção e circulação em massa de ultraprocessados, por outro, tendem a exacerbar essa tensão no que Abib chamou de “nosso mínimo de natureza” (imediatividade, prazer e alívio de dor).

A leitura de Abib é a de que vivemos em um conjunto de práticas culturais capitalistas que explora bem esse mínimo de natureza ao gerar necessidades não relacionadas à sobrevivência por meio de operações motivadoras, o que faz pela criação e propagação de produtos voltados ao desfrute. O ato seguinte é o de transformar esses produtos – e também as necessidades vitais – em mercadoria, pautadas por seu valor de troca. O resultado é que se produz condições nas quais precisamos trabalhar para trocar o produto de nosso trabalho pelos reforçadores necessários à nossa sobrevivência e, tanto quanto possível, ao nosso prazer e bem-estar. Essa troca é mediada pelo mecanismo do dinhei-

3 A palavra “mental” é utilizada por Abib sem nenhuma conotação mentalista, para diferenciar os tipos de sensibilidade, em inspiração no trabalho de George Herbert Mead, psicólogo social estadunidense.

ro, reforçador generalizado que é acumulado pelas classes proprietárias e trocado por virtualmente qualquer bem que seja passível de ser medido por seu valor de troca. Eis a cultura em que vivemos em seus termos mais básicos e como ela explora nossas sensibilidades para criar práticas culturais que mantenham o poder e a riqueza concentrados nas mãos de poucos.

A sensibilidade mental ainda não se diferencia da sensibilidade vital em quase nenhum sentido, apenas em nível. Abib argumenta que não é possível explicar a busca excessiva por alguns reforçadores com base nas versões biológicas da teoria do reforço, “seria impossível explicar o acúmulo de bens por indivíduos, grupos e classes sociais, nas sociedades capitalistas, com base em uma teoria biológica do reforço” (p. 55). A teoria hedonista do reforço é que tem melhores condições de auxiliar na explicação desse tipo de comportamento e, ato contínuo, é a possibilidade de “controlar o imediatismo da sensibilidade e harmonizar as sensibilidades mental e vital” (p. 55) que está sugerida num projeto cultural de educação, a educação da sensibilidade. Abib sugere que uma cultura que cultive essas possibilidades estaria criando um novo tipo de sensibilidade, chamada de cultural.

Em resumo, o argumento de Abib é que as versões biológico-fisiológicas e biológico-hedonistas da teoria do reforço pecam ao tentar explicar como comportamentos sem valor de sobrevivência algum se propagam em nossas culturas. A explicação que Abib sugere é de natureza hedonista, ou seja, é preciso compreender que há consequências que geram prazer e alívio de dor que não contribuem para a sobrevivência e que fortalecem comportamentos de forma bastante eficiente. Um último esclarecimento se faz necessário para que a proposta de Abib seja mais claramente compreendida.

Embora a crítica de Skinner ao hedonismo se dê em bases empíricas, já que seria difícil observar e medir a sensação de prazer, ao mesmo tempo Skinner reconhece o papel do prazer, talvez de modo mais claro em sua análise do efeito devastador do prazer nas práticas culturais vida cotidiana ocidental (e.g., Skinner, 1986). Abib sinaliza que é necessário fazer uma diferenciação dos planos conceitual, analítico e empírico quando nos referimos a um problema; no caso da teoria do reforço, o pla-

no empírico dá razão a Skinner em sua crítica ao prazer como variável de difícil observação. O plano analítico nos coloca em situação difícil quando precisamos explicar porque as pessoas seguem se comportando de formas destrutivas a si mesmas e aos demais com base nas versões biológicas e biológico-hedonistas do reforço. Por sua vez, o plano conceitual sugere que a prevalência da perspectiva chamada por Abib de “descritivista científica” não caberia inteiramente nem ao discurso do próprio positivismo lógico, tampouco ao de Skinner, que foi quem trouxe a “subjetividade” de volta para a teoria comportamentalista. Assim sendo, o esclarecimento conceitual do conceito de comportamento, seguido do exame de suas relações com a sensibilidade, com o movimento e com o mundo, pede por mudanças na teoria consequencialista e o esforço de Abib é voltado para encontrar novos caminhos.

A seleção só pode ser do comportamento por suas consequências

A questão do hedonismo, tema do tópico anterior, se entrelaça diretamente com o tema deste tópico e seguimos na reflexão sobre as mudanças propostas por Abib na teoria consequencialista de Skinner.

Na esteira da avaliação negativa quanto à pertinência da teoria biológico-hedonista do reforço apresentada por Skinner, Abib encontra um problema de fundo na definição dos tipos de consequências no modelo selecionista de Skinner e nos alvos de seleção por ele apontados. A rigor, a definição que Skinner teria apresentado para os termos consequências naturais e consequências reforçadoras está assentada na divisão entre consequências para organismos e para comportamentos, respectivamente. As consequências naturais seriam as que promovem a sobrevivência do organismo, as reforçadoras seriam as que promovem o fortalecimento do comportamento. Podemos adicionar, com Abib, as consequências culturais, que fortalecem práticas culturais.

A esse respeito, como Abib apontou, uma teoria do comportamento encontra dificuldades quando sai do terreno do comportamento e seria difícil sustentar a teorização e, conseqüentemente, análises

derivadas, que elejam organismos como objetos de seleção. O mesmo acaba ocorrendo com as consequências culturais e seu efeito na vida social dos grupos. Abib sumariza a posição de Skinner e os problemas que dela emergem da seguinte maneira: “Da perspectiva de Skinner, as (consequências) naturais selecionam organismos, as reforçadoras selecionam comportamentos e as culturais selecionam práticas culturais” (p. 50). Ocorre que “o ponto de vista de Skinner, de que as consequências naturais selecionam organismos, representa um esclarecimento que ele mesmo fez de suas afirmações anteriores que vinculavam a seleção natural à seleção de espécies”⁴ (pp. 50-51). Trocando em miúdos, em formulação anterior vinculando as consequências naturais às espécies, houve quem encontrasse afinidades entre a posição de Skinner e darwinismos sociais, como quem defenderia a competição e a sobrevivência também de grupos em suas relações sociais – o que não encontra lastro no trabalho de Skinner, crítico dessa posição. O esclarecimento do autor, vinculando as consequências naturais aos organismos, continua deslocando o eixo de uma teoria sobre o comportamento para organismos.

O esclarecimento sobre os alvos da seleção e os mecanismos selecionadores foi e segue sendo necessário para o avanço na definição das consequências naturais. Na visão de Abib, quando nos referimos à seleção por consequências estamos falando apenas da seleção do comportamento. Quando “se trata de caracterizar as consequências do comportamento, três aspectos devem ser considerados: a diversidade das consequências, seus efeitos sobre o comportamento e a explicação do comportamento” (p. 62). O autor prossegue esclarecendo que “alimento, água, sexo são consequências naturais que selecionam comportamentos filogenéticos porque nutrem e sustentam o organismo” (p. 62) e que as mesmas consequências funcionam como reforçadores que “selecionam comportamento operante porque produzem sensações e sentimentos de prazer e alívio de dor” (p. 62). Por sua vez, as consequências culturais são “os produtos das práticas culturais que as selecionam porque têm valor de

sobrevivência e porque produzem sensações e sentimentos de prazer e alívio de dor para os grupos sociais” (p. 62) ou, dito de outro modo, “as consequências culturais são as consequências remotas do comportamento que têm valor de sobrevivência para as culturas” (p. 66).

Para compreender de forma mais clara a mudança sugerida por Abib na trama conceitual da teoria consequencialista de Skinner, é relevante diferenciar agora os tipos de comportamentos e os tipos de consequências, bem como as possíveis relações entre eles. “O comportamento filogenético refere-se aos organismos . . . os comportamentos operante e cultural referem-se aos indivíduos e grupos, respectivamente” (p. 62). Como o indivíduo se comporta por várias razões, dentre elas a sua sobrevivência, o prazer e o alívio de dor e o bem-estar de grupos e culturas, seu comportamento seria filogenético, seria operante e seria cultural. O comportamento filogenético é aquele que, ao modificar o mundo, produz consequências que nutrem e sustentam o organismo que se comporta. O comportamento operante é aquele que, ao modificar o mundo, produz sensações de prazer e de alívio de dor, o que explica seu fortalecimento ou enfraquecimento. O comportamento cultural é aquele que, ao modificar o mundo, produz consequências que permitam a sobrevivência e o bem-estar do grupo do qual o sujeito que se comporta faz parte. Vale notar que estamos sempre no terreno do comportamento e que tais consequências, como Abib esclareceu anteriormente, com frequência se sobrepõem, mas isso nem sempre ocorre, o que fica explícito na exposição do autor sobre a necessidade de desvincular a teoria do reforço da biologia e de estabelecê-la em bases hedonistas. O mesmo pode ser dito sobre as consequências culturais, já que não podem ser reduzidas às consequências operantes (prazer e alívio de dor), embora delas dependam para que possam existir.

Portanto, assim como as consequências naturais agem sobre comportamentos, as consequências culturais também o fazem. Essas consequências fortalecem comportamentos culturais (práticas culturais), mas somente se forem benéficas a grupos e culturas no longo prazo. A rigor, comportamentos filogenéticos e culturais são comportamentos individuais, que podem ou não ser operantes, e estão relacionados às sensibilidades vital e cultu-

4 Esclarecimento feito em discussão sobre o texto *Selection by consequences*, no periódico *Behavioral and Brain Sciences*, em 1984.

ral, nesses casos, e mental, no caso operante. Nas palavras de Abib, esse “deslocamento da teoria do reforço representa um passo decisivo para dirimir qualquer suspeita de confusão conceitual na teoria consequencialista do comportamento” (p. 66). O aparecimento da dimensão ética, possível pela mediação de grupos e culturas no estabelecimento dos comportamentos considerados relevantes, é quem de fato delimita a linha entre a sensibilidade cultural e o comportamento cultural, por um lado, e a sensibilidade mental e o comportamento operante, por outro. Com Abib, uma “consequência imediata com valor de sobrevivência não é uma consequência cultural. Por ser imediata, trata-se de uma consequência reforçadora e, ademais, seu valor de sobrevivência refere-se ao indivíduo e não à cultura” (p. 66). Do ponto de vista analítico, uma consequência precisa apenas ser remota para ser considerada cultural; do ponto de vista normativo, ela precisa “ser remota e ter valor de sobrevivência para as culturas” (p. 67).

A releitura da teoria consequencialista do comportamento, amparada na distinção dos tipos de sensibilidade e nas relações do comportamento com o mundo e com o movimento, fornece uma trama conceitual que permite a Abib elaborar um projeto cultural que por definição se relaciona com um horizonte ético e também político. A partir do momento em que se esclarecem essas bases de debate sobre o comportamento humano, algumas palavras sobre esse projeto, sobre seus horizontes e potenciais contribuições para nossa condição contemporânea se fazem necessárias.

O inferno comportamental

No último capítulo do livro, chamado “filosofia do comportamento”, Abib faz questão de deixar claras as dimensões filosóficas de sua versão da teoria consequencialista do comportamento, exposta ao longo dos capítulos e aqui brevemente sumarizada. Para o autor, trata-se de um “quase pancomportamentalismo”. O “quase” se refere ao fato de que nem tudo é coordenação sensório-motora, já que há um pouco de mundo anterior aos organismos, formado pelos corpos físicos e que por definição não trabalham – não se movimentam, não são sensíveis e não

alteram o mundo ativamente. O “comportamentalismo” se refere à tese de que no início de todo o mundo que trabalha, ou seja, dos organismos sensíveis, que se movimentam e que transformam o mundo em suas relações, está o comportamento como coordenação sensório-motora.

Do ponto de vista ético, uma vez compreendida a relação do comportamento com o mundo, com a sensibilidade e com o movimento; e uma vez estabelecida a diferenciação entre as sensibilidades vital, mental – nosso mínimo de natureza em constante tensão – e a emergente sensibilidade cultural, a tarefa que Abib se impôs foi delimitar os contornos de um projeto de harmonização da tensão entre o nosso mínimo de natureza e o bem estar a longo prazo das pessoas em uma cultura. Esse projeto, como toda deliberação coletiva que grupos fazem sobre o que consideram bom e ruim para os seus do presente e do futuro, envolve aspectos éticos. Abib chamou esse projeto de educação da sensibilidade e delimitou a educação artística e a educação física como disciplinas fundamentais no desafio ético de construir a sensibilidade cultural forte, voltada ao coletivo e ao futuro.

A sensibilidade cultural forte, aquela produzida pelos arranjos deliberados de uma cultura, é a que produz o hedonismo lento e educado, em oposição ao hedonismo rápido e não educado. “A cultura é o lugar da sensibilidade lenta. O tempo da natureza é rápido, o tempo da cultura é lento. O tempo da cultura é o tempo da paciência: temos de aprender a esperar” (p. 69). A espera, com Abib, é “pelas consequências culturais de nosso comportamento” (p. 69). Se ainda estamos falando de um hedonismo, embora educado, estamos dizendo que a sensibilidade cultural forte também implica em prazer e alívio de nossas dores. Afinal, a composição e a apreciação de uma música, por exemplo, são ações que produzem prazer e alívio de dores no compositor e no ouvinte, assim como a apreciação de um bom romance, poema ou filme. Portanto, o comportamento cultural também pode envolver reforço, de modo que as ações de um artista e de um apreciador de arte, individualmente, podem promover prazer e alívio de dor, mas ainda assim serem considerados produtos altamente elaborados de uma cultura – isso significa dizer que o desfrute do prazer e o alívio de dor são produtos da organização

do tempo lento da cultura, ainda que o desfrute possa ser pontual e esteja limitado ao indivíduo envolvido nessa atividade. O próprio fato do indivíduo, agindo como produto de sua cultura, poder desfrutar das consequências de suas próprias ações leva Abib a diferenciar o hedonismo rápido e não educado do hedonismo lento e educado. Por vezes desfrutamos coletivamente das realizações de nossa cultura, por vezes desfrutamos individualmente das consequências de nossas ações e o próprio fato de conseguirmos diferenciar e deliberar quanto a essas circunstâncias só é possível porque somos mais do que hedonismo imediato e não educado, somos produtos de nossas práticas culturais.

Abib ancora a discussão ética do projeto da educação da sensibilidade na distinção entre o individualismo egoísta e o individualismo humanista. Essas seriam éticas que visam o hedonismo não educado, de um lado, e o hedonismo educado a serviço da alteridade, de outro. O hedonismo não educado sustenta projetos de sociedade individualistas egoístas que alimentam (e se alimentam de) nosso mínimo de natureza, criam necessidades por meio de propaganda e de operações motivadoras pautadas na distribuição desigual de bens e, em seguida, exploram o trabalho necessário para ter acesso aos bens que permitem sobrevivência e os bens de consumo. Trata-se da acumulação de bens e a exploração do trabalho dos despossuídos por parte das classes proprietárias. Já os projetos de sociedade pautados na ética do individualismo humanista buscam maneiras de promover o hedonismo educado, fortalecer em indivíduos repertórios que não apenas produzam prazer e alívio de dor para si, mas fundamentalmente para os outros e para a cultura como um todo. Nas palavras de Abib, trata-se de “desenvolver uma ética da cultura cuja finalidade principal é . . . combater a ética do egoísmo e suas formas perversas de individualismo . . . e construir uma ética da justiça” (p. 72).

Se estamos diante de uma proposta ética que visa a promoção de comportamentos culturais que permitam o desfrute de si, o alívio de dores e o bem das pessoas nas culturas, é importante entender as implicações dessas propostas no mundo concreto em que vivemos. Em outra oportunidade (Fernandes, 2021) explorei a necessidade de aprofundar a dimensão política do projeto ético da

educação da sensibilidade. Naquela oportunidade constato que, para além do hedonismo educado (lento e voltado ao bem dos outros na cultura), é necessário construir uma sensibilidade política que reconheça os lados em que nos encontramos diante dos dilemas sociais fundamentais da vida concreta. Vivemos num mundo em que 10% da população mundial controla mais de 70% da riqueza produzida pela humanidade⁵, para não falar das profundas e dilacerantes violências que estruturam essa cadeia de desigualdades e que se configuram em termos de violação às mulheres, às pessoas negras e indígenas, às pessoas com orientação sexual diversa do padrão heteronormativo e com identidade de gênero não binária e às pessoas com deficiência.

No Brasil contemporâneo, tais problemas ganharam contornos dramáticos com a volta do país ao mapa da fome das Nações Unidas em 2021. Mais da metade da população brasileira passa por insegurança alimentar e 33 milhões de pessoas passam fome⁶, situação que havia sido superada em 2014. Não foram poucas as formulações científicas, filosóficas e literárias que olharam para o Brasil como o “país do quase”, ou de um longo passado colonial que insiste em prevalecer quando sinais de avanço civilizatório surgem no horizonte. Darcy Ribeiro, cientista social brasileiro e chefe de gabinete do presidente João Goulart na ocasião do golpe militar de

5 De acordo com o *World Inequality Report 2022*: “Os 10% mais ricos da população mundial atualmente recebem 52% da renda global, enquanto a metade mais pobre da população recebe 8,5% . . . A metade mais pobre da população global quase não possui riqueza alguma, tendo apenas 2% do total global. Em contraste, os 10% mais ricos da população global possuem 76% de toda a riqueza” (p. 10). Disponível em: https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2022/01/Summary_WorldInequalityReport2022_English.pdf

6 Os dados em questão foram veiculados em matéria do portal UnB Notícias e repercutem atividade do encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) a respeito do material publicado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), mais especificamente o *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19*. A matéria está disponível em: <https://noticias.unb.br/117-pesquisa/5918-volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-debatida-por-cientistas-durante-a-74-reuniao-anual-da-sbpc>. O relatório de pesquisa está disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>

1964, dizia que era preciso reimaginar o país à luz de nossa mestiça e criativa realidade que, segundo ele, não encontra paralelo no planeta Terra (Ribeiro, 1995), mas admitiu que foi derrotado pelas elites nessa tarefa política⁷. O cantor cearense Belchior, compositor de sucessos em sua voz e na de muitas outras pessoas, escreveu a antológica *Como Nossos Pais*, que ganhou projeção na voz de Elis Regina e que se destaca pelo refrão no qual se lamenta o fato de que, “apesar de tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”.

O eixo comum que tento destacar nessas narrativas sobre o destino e a formação do Brasil é a aparente persistência de um passado que não nos abandona, não importa o que façamos a respeito. Ao apresentar sua ideia de “inferno comportamental”, Abib (2020) sugere que a arte retratou, de diversas maneiras, certa dificuldade humana em superar o presente, em especial aquele que seja semelhante ao passado. Ecoando Skinner (1978), que se pergunta se seríamos capazes de produzir um futuro que fosse diferente de nosso passado em vista de nossa persistente tendência à imediatidade das consequências de nossas ações, Abib (2020) entende que, do ponto de vista comportamental, “o inferno é o presente, o tempo presente, o tempo que reduz o presente ao presente instante e ignora o presente histórico (o passado atual), um Fiat Lux, ao fazer-se um presente sem passado” (p. 28). Adiante, prossegue: “Esse tempo sem presente histórico também não tem futuro, o futuro não lhe interessa, o que importa é o aqui e agora” (p. 28). Afinal, o inferno seria para Abib a derrota do pensamento, o fim das utopias (pois essas seriam destinadas ao futuro), o tempo dos excessos no prazer e na ausência de reflexão.

De um lado temos a dificuldade de viver o agora em sua complexidade, porque acabamos construindo mundos que nos impelem a buscar o prazer constante. De outro, as utopias saíram de moda, já

que chegamos ao “fim da História” e não precisaríamos mais imaginar outros mundos, o presente é o que nos resta e devemos aprender a conviver com o mundo que existe – como diria o pensador britânico Mark Fisher, que chamou essa postura filosófica tão própria de nosso tempo de “realismo capitalista” (Fisher, 2009/2020). A própria dificuldade em viver o presente como tempo histórico o reduz ao presente imediato, o que é talvez ainda pior, pois o imediatismo dificulta qualquer possibilidade de construir alternativas ao passado selecionador. Podemos dizer que o mundo em que vivemos, que já foi considerado o único possível por certa crítica social, trabalha para que permaneçamos em suspenso, construindo necessidades a serem resolvidas por produtos tecnológicos cada vez mais fascinantes e vendendo-as por custos de resposta cada vez mais extenuantes – não sem razão estamos novamente sujeitos à fome. Viver dessa forma é viver sob o cultivo do nosso mínimo de natureza, é a cultura do inferno comportamental.

Como já vimos, Skinner (1986) notou o papel corrosivo da busca do prazer na nossa vida cotidiana. Abib parece estar dialogando diretamente com essa crítica psicossocial às práticas culturais mais fundamentais do mundo capitalista contemporâneo. Identificando a ênfase da cultura no cultivo do hedonismo imediato e não educado, Abib busca esclarecer conceitualmente elementos importantes na teoria comportamentalista de Skinner com a missão de construir um projeto alternativo, que já sabemos agora ser um projeto que pretende não mais priorizar o prazer imediato e o acúmulo de riqueza da classe proprietária, e sim o prazer educado – cultivado e cultivador de culturas humanistas. Repito, é fundamental compreender o papel do prazer nessa empreitada.

A sensibilidade cultural forte, ou o hedonismo educado em função da ética das culturas e do desenvolvimento humano justo e igualitário, seria uma espécie de antídoto para essa paralisia da criatividade que caracteriza o inferno comportamental e o realismo capitalista contemporâneos. Abib entende que precisamos de novos itinerários poéticos, que cultivem práticas culturais criativas que nos permitam escapar do presente e fundamentalmente do presente à imagem e semelhança do passado. Imaginar novos mundos é uma necessidade

7 Circulam amplamente, em versão adaptada, frases atribuídas a Darcy nas quais “confessa que perdeu” em todas as tarefas políticas que se propôs, mas “detestaria estar no lugar dos que o venceram”. O discurso original, de configuração um pouco diferente, teria sido proferido em seu discurso por ocasião do recebimento do título de Doutor Honoris Causa em 1978, conferido pela Universidade de Sourbonne (Vannali, 2017).

contemporânea, mas não me refiro aqui a qualquer sentido de utopia, e sim da utopia conectada ao mundo concreto em que vivemos, dele derivada e por ele imaginada⁸. Resgatar a utopia é outra potencial atribuição da educação da sensibilidade. Nos termos de um velho favorito da América Latina e do professor Abib, o uruguaio Eduardo Galeano, a utopia que precisamos:

está en el horizonte – dice Fernando Birri – . Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar. (Galeano, 2001, p. 230)

No caso do Brasil contemporâneo, em linha com a inflexão política sugerida em outro momento (e.g., Fernandes, 2021) e junto ao sonho permanente de Darcy Ribeiro, sugiro que a generosidade do esclarecimento conceitual promovido pelo professor Abib nos ajude a criar, coletivamente, formas de educar a sensibilidade e cultivar utopias, o que pode ser compreendido como sonhar e cultivar práticas culturais que produzam um país sem fome, superem o passado onipresente do legado escravocrata, garantam acesso efetivo da população à cidadania, distribuam a riqueza de forma igualitária e equitativa, reconheçam a igualdade nas diferenças entre raça, gênero, identidade e orientações sexuais, valorizem o legado dos povos originários e o necessário metabolismo entre natureza e sociedade nos modos de produção e de reprodução da vida social.

8 A diferenciação aqui é relevante porque remonta ao esquema de Engels (1880/2022) na oposição entre o que chamou de socialismos utópicos e científicos. Os primeiros seriam caracterizados por um pensamento “utópico” porque desconectado da análise das condições materiais concretas e, fundamentalmente, produto do planejamento intelectual de pequena parte dos atores envolvidos; os segundos, por sua vez, dispensando o planejamento “por cima”, partem da realidade concreta e da contribuição dos atores envolvidos para a elaboração de saídas que alterem tal realidade de maneira que faça sentido para a classe trabalhadora de modo geral.

Considerações finais

O objetivo deste ensaio foi resgatar contribuições do professor Abib para o esclarecimento conceitual de aspectos fundamentais de nossa ciência do comportamento. Nessa empreitada, é importante lembrar, por exemplo, que Abib argumenta que o conceito de comportamento oferecido por Skinner traz consigo problemas, os acusa e oferece uma solução; também argumenta que a teoria do reforço apresentada por Skinner é indefensável, explica o que isso significa em termos teóricos e práticos e oferece um caminho; tece relações com outras tramas teóricas dentro e fora da Psicologia, as esclarece e indica suas consequências teóricas, analíticas e empíricas, que são delimitadas em torno de um projeto ético de educação da sensibilidade voltado para o desenvolvimento humano, para o bem coletivo e para a justiça.

Em tom de comentário, procurei relacionar certa leitura das condições materiais contemporâneas a partir do conceito de inferno comportamental, sugerido em trabalho recente do professor Abib, e o resultado nos mostra uma vez mais a importância da educação da sensibilidade no combate ao individualismo egoísta que protagoniza o mundo capitalista. A tarefa é reconstruir um senso coletivo de utopia que, ao permitir imaginar coletivamente o fim desse capitalismo, nos resgate do torpor do prazer imediato em direção ao prazer do desenvolvimento humano, do bem coletivo e da justiça e da construção das alternativas.

Caras/os leitoras/es, independente de suas impressões sobre os caminhos apresentados por Abib no livro *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética*, me parece difícil contornar sua denúncia dos problemas teóricos e a força dos argumentos desenvolvidos em seu itinerário de esclarecimento conceitual. Nada me daria mais prazer do que saber que este ensaio permitiu que algumas pessoas descobrissem e outras redescobrissem o trabalho do professor Abib, tecendo novas tramas por ele implicadas.

Referências

- Abib, J. A. D. (1997). Saúde mental: Esvaziamento de uma trama conceitual. *Psicologia em Estudo*, 2(1), 41-70.
- Abib, J. A. D. (2004). O que é comportamentalismo? In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, V. M. da Silva e S. M. Oliane (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição* (Vol. 13, pp. 52-61). ESETec.
- Abib, J. A. D. (2007). *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética*. ESETec Editores Associados.
- Abib, J. A. D. (2016). E. L. Thorndike (1874-1949): Revolução e contrarrevolução. In D. Zilio e K. Carrara (Orgs.), *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais, volume I* (pp. 113-131). Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento.
- Abib, J. A. D. (2020). O inferno comportamental. In J. A. D. Abib, *Papéis dispersos* (pp. 28-29). Editora CRV.
- Engels, F. (2022). *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Edipro. (Trabalho original publicado em 1880).
- Fernandes, D. M. (2021). Educação da sensibilidade como educação política. *Acta Comportamentalia*, 29(3), 167-184.
- Fisher, M. R. (2020). *Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Autonomia Literária. (Trabalho original publicado em 2009).
- Galeano, E. (2001). *Las palabras andantes*. Catálogo.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: Evolução e sentido do Brasil*. Companhia das Letras.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. The Free Press.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). Are we free to have to have a future? In B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society* (pp. 16-32). Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1984). *A evolução do comportamento*. Disponível em: https://itcrcampinas.com.br/pdf/skinner/A_Evolucao_do_Comportamento.pdf
- Skinner, B. F. (1986). What is wrong with daily life in the Western world? *American Psychologist*, 41(5), 568-574. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.41.5.568>
- Vanali, A. C. (2017). Sociologia do autor: Biografia e trajetória de Darcy Ribeiro. *Revista Vernáculo*, (40), 41-59.

Histórico do Artigo

Data do Convite: 10/08/2022

Recebido em: 06/12/2022